

## Discurso, silêncio e ideologia: sentidos de superação da crise no portal de notícias g1 (Globo)

*Speech, silence and Ideology: meanings of overcoming the crisis on the g1 news portal (Globo)*

**Érika da Silva Santos**

Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL)

**Érika da Silva Santos**

Graduada em Letras Português pela Faculdade de Letras (Fale/Ufal). Integrante do grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (Gedon). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6687-7399>. E-mail: [erika.santos@fale.ufal.br](mailto:erika.santos@fale.ufal.br).

Submetido em: 14/04/2025  
Aceito em: 21/08/2025  
Publicado: 10/12/2025

*e-Location:* 19541

Doi: 10.28998/2317-9945.202586.314-332



ISSN: 2317-9945 (On-line)  
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

### Resumo

Este trabalho investigou o discurso sobre a superação da crise presente em títulos de matérias que circularam no portal digital de notícias g1 (Globo) durante o segundo ano da pandemia de Covid-19 no Brasil (2021). A análise está fundamentada na Análise de Discurso materialista, vertente teórica desenvolvida na década de 1960 pelo filósofo Michel Pêcheux e difundida no Brasil por meio dos estudos da linguista Eni Orlandi. O *corpus* é composto por três sequências discursivas datadas em abril, maio e agosto de 2021. Quando necessário, trechos das matérias são mobilizados para contextualizar o material analisado. Partimos da compreensão de crise como um fenômeno estrutural do capitalismo, conforme discutido por Mészáros (2011), e observamos suas reverberações no contexto pandêmico brasileiro. A análise demonstra discursos centrados na preservação do capital, destacando: o surgimento de novas formas de dominação, como o avanço das políticas de exploração por via do empreendedorismo, e o silenciamento das consequências devastadoras da pandemia da Covid-19, que, em sintonia com o capitalismo, ceifou milhares de vidas, sobretudo entre a classe trabalhadora, em escala global.

**Palavras-chave:** discurso; crise; superação; pandemia; g1 (Globo).

### Abstract

*This study investigated the discourse on overcoming the crisis present in the headlines of articles circulated on the g1 (Globo) digital news portal during the second year of the Covid-19 pandemic in Brazil (2021). The analysis is grounded in Materialist Discourse*

*Analysis, a theoretical approach developed in the 1960s by philosopher Michel Pêcheux and disseminated in Brazil in the work of linguist Eni Orlandi. The corpus consists of three discursive sequences from April, May, and August 2021. When necessary, excerpts from the articles are used to contextualize the analyzed material. Our analysis is grounded in the understanding of crisis as a structural phenomenon of capitalism, as discussed by Mészáros (2011), and observes its reverberations in the Brazilian pandemic context. The analysis reveals discourses centered on the preservation of capital, highlighting: the emergence of new forms of domination, such as the advancement of exploitative policies through entrepreneurship, and the silencing of the devastating consequences of the Covid-19 pandemic, which, in tandem with capitalism, claimed thousands of lives, especially among the working class, on a global scale.*

**Keywords:** *discourse; crisis; overcoming; pandemic; g1 (Globo).*

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este trabalho teve como objetivo analisar o discurso sobre a superação da crise durante o segundo ano de pandemia no Brasil (2021) a partir de três títulos de matérias jornalísticas que circularam no portal digital de notícias da Globo, o g1. A pesquisa está situada na área de Linguística, especificamente filiada à Análise de Discurso materialista (AD), cuja proposta científica compreende a língua no mundo e suas maneiras de significar, considerando a produção de sentidos enquanto parte da vida dos sujeitos. Portanto, a língua, para a Análise de Discurso, não é apenas um código entre outros, não há uma separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que o primeiro fala e depois o outro decodifica. A AD considera que os sujeitos realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Além disso, no lugar de mensagem, pensamos o discurso, que, em síntese, é a palavra em movimento com a história e a ideologia; prática de linguagem (Orlandi, 2020).

O vírus SARS-CoV-2 foi detectado em 2019, em Wuhan, na China, e teve os primeiros casos de infecção registrados no Brasil por volta de fevereiro de 2020, conforme aponta a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas, 2020). Após um mês da chegada do vírus em terras brasileiras, já se contabilizava mais de 60 mortes pela doença (Brasil, 2025), o que levou, em meados de março do mesmo ano, governadores a iniciarem por conta própria, sem o apoio do Governo Federal, o processo de

*lockdown*, que determinava o isolamento social em prol da diminuição de contágio e morte da população.

A paralisação do trabalho colocou em evidência não só o nível de letalidade do vírus, mas também do sistema capitalista. Conforme Antunes (2022), ao final de 2019, antes mesmo do “Brasil pandêmico”, mais de 40% da população brasileira encontrava-se na informalidade e já experimentava o trabalho em aplicativos e plataformas digitais, o que se popularizava rapidamente como uma nova modalidade de trabalho, o “empreendedorismo”. Em seus estudos acerca do trabalho no período do coronavírus no Brasil, o autor reforça como o sistema capitalista e seu caráter autofágico pode ser cada vez mais cruel em se reinventar perante as crises.

Em 2008, para lembrarmos os efeitos da Grande Recessão, diversos países, incluindo o Brasil, sofreram a forte “[...] expressão da falência da dinâmica de acumulação do capital internacional durante quase três décadas, período conhecido como neoliberalismo.” (Tonelo, 2021, p. 17). E, embora os sentidos sobre a crise de 2008 que circulavam nas grandes mídias estivessem geralmente ligados à “quebra dos bancos”, o que os países do Ocidente ao Oriente enfrentaram (e ainda enfrentam) foi um evento de intensas consequências sociais, como a potencialização do desemprego, da desigualdade e da miserabilidade (Tonelo, 2021).

Em 2009, as consequências da acumulação do capital marcaram a maior queda do PIB mundial desde a Segunda Guerra. Entre 2010 e 2011, os países da Europa iniciaram os planos de austeridade para evitar a quebra de mais bancos e empresas, o que resultou em políticas mais intensas de exploração da classe trabalhadora e na suspensão, e até extinção, de direitos sociais básicos.

Entre 2012 e 2015, Tonelo (2021) destaca que houve mais dois pontos expressivos no desdobramento da crise: o estancamento no crescimento internacional e a “crise dos emergentes”, o que diz respeito ao leve crescimento do PIB mundial que se manteve entre 2,5 e 2,8%, um crescimento pouco considerável, se comparado ao quadro da recuperação pós-guerra (até 1973), quando os menores índices registrados foram de 4,3%.

Em 2016, com as eleições nos EUA e a candidatura de Donald Trump, a crise tomou um rumo de consolidação das mazelas sociais que já vinham sendo instaladas

como solução da recessão econômica. “E essa ascensão de Trump não se deu isolada, mas significou a emergência da extrema direita em nível internacional, sendo sua eleição sucedida por presidentes como Boris Johnson, no Reino Unido, e Jair Bolsonaro, no Brasil” (Tonelo, 2021, p. 52).

Voltando nosso olhar para o Brasil de 2018, nas eleições presidenciais, não à toa, a extrema-direita, representada por Jair Bolsonaro, ganha espaço de atuação em mais um capítulo dos *tristes trópicos brasileiros*. E, como era de se esperar,

[...] seus primeiros dois anos de governo foram a maior tragédia *econômica, social e política* do país em todo o período republicano. Não há em nenhum outro momento da história mais do que secular da nossa República, nada que se aproxime à *devastação tão profunda e tão agudamente destrutiva* que estamos presenciando hoje.

O cenário já sinalizava um período muito duro, uma vez que, desde o início da década de 1970, ingressamos em um longo período de *crise estrutural do sistema de metabolismo antissocial do capital* que gerou o ideário e a pragmática neoliberais, sob forte hegemonia financeira. Tendência que se aprofundou significativamente a partir do biênio 2008-2009, criando as condições para que se forjassem uma *contrarrevolução burguesa de amplitude global*, especialmente a partir da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos.

Foi nesse contexto que a nossa classe dominante, abandonando completamente qualquer resquício de apoio formal à institucionalidade “democrática” (que em verdade nunca esteve em seu horizonte político ou ideológico) assumiu abertamente sua desfaçatez *colonial, escravista e quase prussiana*, o que lhe permitiu pular rapidamente para a banda (ou o bando) do ex-capitão e assim ajudar a forjar um monstrengão *politicamente autocrático, militarizado, ideologicamente primitivo e negacionista*, desde que ancorado *economicamente* na variante mais rudimentar do neoliberalismo, ou seja, aquela que quer reduzir tudo a pó (Antunes, 2022, p. 76, grifos do autor).

Perante essas condições e destacando o contexto da pandemia em 2021, voltamos nossa atenção para o papel da grande mídia na produção do imaginário sobre a resolução da crise. Escolhemos esse campo discursivo, pois, conforme Ramires (2017, p. 47), “[...] a lógica do jornalismo se constrói a partir de um ideal de neutralidade e imparcialidade que fornece evidências ao público de verdade e isenção naquilo que é divulgado.” Ao contrário do ideal midiático, para a AD, o discurso produz efeitos através de uma posição-sujeito dada, posição esta que está em jogo com a história e com a ideologia (Orlandi, 2020). Nesse caminho, compreendemos que o jornalismo é responsável pela distribuição de narrativas sobre os acontecimentos

históricos, atuando como agente ativo na construção de sentidos e, por isso, na construção das práticas sociais.

## **DELIMITAÇÃO DO *CORPUS* E DISPOSITIVOS TEÓRICO-ANALÍTICOS**

O *corpus* deste trabalho é constituído por discursos sobre a superação da crise presentes em títulos de matérias que circularam no *sítio* do jornal g1 entre abril, maio e agosto. Na escolha das sequências discursivas (SD), levamos em consideração principalmente a regularidade em relação aos sentidos de superação da crise, o que se manifestou através de palavras/expressões, como: reinvenção; não desistir; vender; crise ou oportunidade; se vira; abrir negócio; empreender.

De acordo com Courtine (2009, p. 54), “[...] a operação de extração do *corpus* consiste primeiramente em delimitar um campo discursivo de referência [...] impondo aos materiais uma série sucessiva de restrições que os homogeneizem.” Nesse caso, utilizamos como referência o discurso sobre a superação da crise produzido pela grande mídia (o g1). Ao realizarmos a leitura do material, observamos que a reinvenção/superação da crise geralmente diz respeito a propostas que se resumem numa espécie de reformismo do trabalho por via do empreendedorismo.

Em dados momentos, apresentamos alguns trechos das próprias matérias jornalísticas para melhor compor nossas análises. Além disso, é importante pontuar que também estamos tomando como referência a grande mídia, incorporada no meio digital, como sujeito produzindo sentidos, pois, apesar de haver, nas matérias, a assinatura do/a jornalista “responsável” pela reportagem, para a AD “[...] o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz, etc.” (Orlandi, 2020, p. 74).

Sobre a coleta do material discursivo, utilizamos o menu de buscas no *sítio* do g1, digitando as seguintes palavras/expressões: crise, pandemia e superação; superação da crise; superação da crise na pandemia da Covid-19; como superar a crise econômica na pandemia da Covid-19. Como resultado, obtivemos treze enunciados e, dentre eles, recortamos, pela regularidade citada anteriormente, três para a constituição do *corpus* discursivo, a saber:

SD1 - Menino abre brechó para vender próprias roupas e ajudar mãe na crise causada pela pandemia - 23/04/2021

SD2 - 'Se vira': conheça histórias de pessoas que estão se reinventando para lidar com a crise da pandemia da Covid-19 - 29/05/2021

SD3 - Crise ou oportunidade? Veja a história de quem acredita nos sonhos e abriu negócio em meio à pandemia em MS - 30/08/2021

Além de Courtine e Orlandi, recorremos a Pêcheux (2014) para a elaboração dos nossos dispositivos teórico-analíticos, principalmente nos estudos sobre a(s) ideologia(s), as formações ideológicas e as formações discursivas (FD), na obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de onde pontuamos primeiro a(s) ideologia(s) a respeito de uma existência histórica e concreta, isto é, em referência à história da luta de classes.

Em outros termos, enquanto "as ideologias têm uma história própria" [...], a "Ideologia em geral não tem história", na medida em que ela se caracteriza por "uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não histórica, isto é, *omni-histórica*, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda história, no sentido em que o *Manifesto* define a história como 'história da luta de classes', ou seja, história da sociedade de classe" (Althusser *apud* Pêcheux, 2014, p. 137).

Segundo esse pressuposto, consideramos que o dizer em sua superficialidade se apresenta sob o efeito de "transparência da linguagem", cujos traços, para a AD, colocam em jogo o que pode ou não ser dito em determinada formação ideológica<sup>1</sup>. Esse "efeito de evidência" é já o efeito da ideologia, uma vez que sua função é a de mascarar o caráter material do sentido, ou seja, a sua existência concreta e capaz de interferir na realidade dos sujeitos (Pêcheux, 2014).

Pensando por essa perspectiva, na seção de análise também recorremos aos estudos focados nas Ciências Sociais, os quais nos devolvem as condições materiais em torno dos efeitos da superação da crise na sociedade capitalista, como é o caso

---

<sup>1</sup> As formações ideológicas partem das posições sócio-históricas nas quais as palavras/expressões são produzidas/reproduzidas (Pêcheux, 2014).

dos estudos de Mészáros (2011); Paniago (2012); Harvey (2020); Tonelo (2021) e Antunes (2022).

Destacamos ainda a obra *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, em que Orlandi (2007) investe uma extensa reflexão a fim de dar ao silêncio um estatuto político e explicativo. Nesse caminho, o silêncio deixa de obter um caráter binário e passa a ser pensado como presença na constituição dos sentidos e dos sujeitos da linguagem.

A exemplo disso, a autora destaca o período da ditadura militar no Brasil, onde o silêncio ocupou um lugar simbólico na maneira dos sujeitos produzirem sentido. Naquelas circunstâncias, a autora reforça que o silêncio não significava o vazio, ao qual é popularmente associado, mas o que do dizer não poderia ser dito.

No caso da nossa análise, especificamente em 2021, com a pandemia da Covid-19 e um atuante governo de extrema-direita, compreendemos que o que está em jogo no discurso sobre a superação da crise é também uma “silenciosa” política de superação da morte, de superação da fome, de superação do vírus, de superação da economia, de superação do lucro, de superação do capitalismo etc.

Dito de outro modo, são as relações de forças que regulam os sentidos, principalmente durante tensões sócio-históricas. Nesse caminho, durante a pandemia da Covid no Brasil, dizer sobre a superação da crise era também instalar uma política de vida ou de morte.

Conforme Orlandi (2007, p. 73), “[...] a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada.” Dessa maneira, a autora aponta que o silêncio está sempre em relação com o dizer de um e o dizer do outro; ainda que as condições não sejam de ditaduras, o silêncio é capaz de censura e interdições porque ele é político.

Isso reforça o que dissemos antes, que, para Pêcheux (2014), o que no funcionamento do Estado aparece como evidente, para a teoria materialista do discurso, é ideológico. Portanto, é a ideologia que determina quais são os caminhos da superação da crise durante a pandemia. Esse movimento está envolvido, porém, na seguinte questão: quem é autorizado a dizer? A grande mídia cumpre, dessa

maneira, o papel de autoridade, de sujeito de poder, aquele que não só pode, mas também censura.

Em resumo, fundamentamos nossa análise primeiro pelas condições de produção do discurso – de onde destacamos o modo de funcionamento da sociedade capitalista, com foco nos desdobramentos da crise estrutural do capitalismo, destacando o ano de 2021 e a chegada do coronavírus ao Brasil –; além dos estudos sobre as formas do silêncio, focados na política do silêncio, ou seja, aquilo que se diz para silenciar; e pelas formações ideológicas e discursivas nas/das quais o jornal digital da Globo se apoia para significar/censurar/determinar.

## **G1: O SITE DE NOTÍCIAS DO GRUPO GLOBO**

Há cem anos, o Grupo Globo, maior empresa de mídia e comunicação da América Latina, atua em todos os ramos da comunicação. O grupo é fortemente conhecido por sua atuação na televisão, no rádio e no meio editorial. Em 2006, com a aceleração da *Internet* e o crescimento das mídias digitais, a empresa lançou o g1, *site* de notícias pensado para a integração da Globo ao mundo digital. O g1 conta com um alcance nacional, exibindo simultaneamente notícias sobre assuntos de interesse geral, do Brasil e do mundo, e assuntos específicos, como é o caso das reprises dos telejornais regionais e de outros programas da Globo, como o Globonews. Além disso, o jornal também se estende às redes sociais: WhatsApp, Instagram e Facebook (Globo, 2025).

Entre os editoriais do jornal digital da Globo, estão as pautas “agro”, “carros”, “empreendedorismo”, “ciência”, “mundo”, “monitor da violência”, entre outros. O *site* também conta com abas de vendas de produtos para casa, celulares, presentes, moda e beleza, lazer e tecnologia; aba de jogos; blogues e colunas; *podcasts*; vídeos; *webstories*; e a aba “especiais publicitários”, que apresenta publicidades de bancos, crédito agro, empreendedorismo, carros e outros ramos afins.

Por volta de 2007, o formato do g1 se aproximava ao de um jornal impresso e era dividido apenas em editorias; no entanto, conforme aponta o *site* Memória Globo,

Previa-se que, além da equipe da televisão, haveria, em cada praça ou afiliada da Globo, uma pequena redação dedicada ao jornalismo online. [...]

No dia 13 de agosto de 2010, foi lançado o g1 MG, o projeto-piloto dessa expansão, ligado à emissora da Globo em Belo Horizonte. A primeira afiliada a entrar no ar foi o g1 PR, em 7 de fevereiro de 2011. Daí por diante, seriam criadas outras 50 afiliadas ao redor do Brasil, além de uma redação na Globo do Recife, que foi ao ar em 7 de outubro de 2011. A última afiliada foi g1 Petrolina, lançada em 29 de novembro de 2013.

A criação de cada afiliada era feita em duas etapas. Primeiro, uma equipe da nova redação ia à sede do g1 para uma imersão. Em um dia inteiro de workshops e reuniões, os jornalistas tinham seus primeiros contatos com as especificidades técnicas do trabalho e conheciam seus cuidados editoriais. Marcada a estreia da nova página, representantes do g1 iam para a cidade onde seria inaugurada a afiliada e passavam pelo menos dois dias trabalhando lado a lado com os jornalistas locais. No dia em que o novo site ia ao ar, o telejornal local fazia uma matéria e a página ganhava um link no g1.

O projeto afiliadas deu ao g1 abrangência nacional e permitiu consolidar sua posição de líder em jornalismo online (Globo, 2022, não paginado).

Até 2009, o g1 funcionava com recursos provenientes da Globo Televisão e do Globo.com. Em 2014, a redação do g1 foi transferida para a sede da Globo de São Paulo, o que representou um movimento de total integração das mídias tradicionais à mídia digital, proporcionando também a criação de novos [...] projetos e novos produtos, como o g1 em 1 minuto, em 2015." (Globo, 2022, não paginado).

Em 2018, o Grupo Globo inicia um processo de transformação, que previa reunir Globo, Globosat, Globo.com, Globoplay e DGCorp, a unidade corporativa do grupo, em uma única empresa, mais eficiente e dinâmica, em que conteúdo e tecnologia operassem de forma integrada.

Em 2020, é divulgada a estrutura organizacional da nova empresa, pensada para atuar em um modelo de negócios que chamou de mediatech. Jornalismo, entretenimento e esporte passam a fazer parte de uma diretoria de Conteúdo, que abrange todas as produções dos canais lineares e digitais (Globo, 2022, não paginado).

Ao que se percebe, o g1 é pioneiro no que diz respeito à inserção do Grupo Globo no jornalismo digital, ocupando lugar de destaque no cotidiano da população brasileira que consome informação por meio de aparelhos eletrônicos conectados à *Internet*.

Barriquello (2008) aponta que a mídia digital oferece um espaço de interação aos sujeitos. Por meio das mídias digitais, é possível acessar informações em diversos formatos simultaneamente, incluindo vídeos, textos com e sem imagens, propagandas, entre outros, como visto mais acima. Além disso, as plataformas funcionam como canais de interação, onde os sujeitos podem opinar, comentar e, assim, sentir-se participantes ativos.

Entretanto, compreendemos que essa aparente diversidade e interação são ideologicamente orientadas, uma vez que os *sites* oferecem materiais baseados em escolhas que correspondem aos interesses das empresas de comunicação. Dessa forma, os jornais digitais aceleram e reforçam suas narrativas sobre os acontecimentos.

Florêncio *et al.* (2009), retomando as teses de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, argumentam que a ideologia atua nas relações imaginárias dos sujeitos com suas condições de existência. Ou seja, trata-se de um movimento que prescreve e normaliza/estabiliza determinadas práticas.

Sob essa perspectiva, consideramos que o g1 representa, por meio do jornalismo digital, a continuidade do monopólio empresarial das grandes mídias no Brasil. É a partir dessa posição que ele “[...] faz circular sentidos que, em sua materialidade, significam diferentemente a ‘crise’ para os distintos sujeitos, visto que tanto as palavras quanto os sujeitos possuem determinações históricas e ideológicas” (Silva Sobrinho, 2023, p. 61).

## **SENTIDOS DE SUPERAÇÃO DA CRISE NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1 (GLOBO)**

Nesta seção, apresentamos novamente as SDs para melhor assimilação dos leitores e como, diante das condições acima apontadas, os sentidos de superação da crise se manifestam pelo discurso constitutivo do jornal, com foco em suas formas de silenciamento e nos mecanismos ideológicos e discursivos que as sustentam.

SD1 - Menino abre brechó para vender próprias roupas e ajudar mãe na crise causada pela pandemia - 23/04/2021

SD2 - 'Se vira': conheça histórias de pessoas que estão se reinventando para lidar com a crise da pandemia da Covid-19 - 29/05/2021

SD3 - Crise ou oportunidade? Veja a história de quem acredita nos sonhos e abriu negócio em meio à pandemia em MS - 30/08/2021

A sequência discursiva 1 apresenta a história de superação de um menino de 11 anos que abriu um brechó para vender as próprias roupas e ajudar a mãe na "crise causada pela pandemia". Conforme aponta a matéria, a mãe do menino trabalhava com eventos e "[...] prestava o serviço de *buffet* para festas" (Vieira, 2021, não paginado). Quando surgiu a pandemia, Ariana (a mãe do menino) continuou com as vendas via *delivery*, no entanto,

Quando as coisas estavam caminhando, eles levaram um segundo susto. Ariana, que também trabalha como zeladora em uma escola, sofreu um acidente. O seguro do atropelamento não saiu e a família também não conseguiu auxílio emergencial. Eles tiveram que vender os móveis da casa (Vieira, 2021, não paginado).

O g1, além da matéria escrita, também exibe em vídeo (reprise da TV) a entrevista com a família de Ariana. Ao final da reportagem, o jornalista compara o desespero de uma criança à atitude de um empreendedor: "Bom garoto, estudioso, inteligente, simpático, empreendedor, Davi: onze anos" (Vieira, 2021, não paginado).

Essa discursividade, além de reforçar sentidos sobre a crise como um acontecimento fantasma e sem precedentes, sobre o qual recai a responsabilidade individual de superação, romantiza e naturaliza práticas de exploração do capital por meio do trabalho infantil, do sofrimento psíquico e da isenção do Estado, para citar apenas alguns dos sentidos possíveis.

Em momento algum, a matéria cita o fato de que o auxílio e, ou, o seguro-desemprego garantiria a subsistência da família de Ariana, ou o fato de que o serviço de Ariana como "empreendedora" não garantiu a ela nenhum suporte e muito menos o fato de que o menino que "salvou as contas da família" é uma criança de 11 anos tentando lidar com o total abandono do Estado para com a classe trabalhadora no momento desesperador da pandemia da Covid-19.

Durante o *lockdown* no Brasil, com Jair Bolsonaro no poder, o quadro da classe trabalhadora tornou-se verdadeiramente desolador e a política econômica do governo

expressou um enorme desprezo pela vida dos trabalhadores, as maiores vítimas da pandemia.

Nesse período, houve diversas discussões e polêmicas acerca de como o governo agiria para resguardar a sobrevivência da população de trabalhadores informais e, após muita pressão, a proposta inicial do governo foi oferecer R\$ 200,00 durante três meses, o que se alterou mais tarde para R\$ 600,00, valor nitidamente insuficiente para garantir um mínimo de dignidade das famílias formadas em sua grande maioria por mulheres/mães, que, além de criarem seus filhos sozinhas, ainda são as provedoras da casa (Antunes, 2022).

Em vistas disso, compreendemos que a narrativa de superação por via do empreendedorismo silencia/apaga as responsabilidades do Estado e das empresas para com os trabalhadores no momento da pandemia. Se diz x para ocultar y (Orlandi, 2007).

Paniago (2012, p. 33) confirma essa tese ao dizer que “[...] o capital encontra as maneiras mais variadas de contornar as dificuldades históricas impostas ao seu livre desenvolvimento expansionista, não importando por quais metamorfoses tenha que passar, ou quais formas políticas tenha que adotar.”

Nessa direção, ainda que a SD1 não formule em sua estrutura o empreendedorismo como um método de superação, é possível notar, através do silêncio sobre a crise estrutural, a historicidade inscrita no tecido das palavras produzindo sentidos que retornam sob a forma de já-ditos e se atualizam na dimensão política do discurso.

A SD2 demarca ainda mais a inscrição do jornal na formação discursiva neoliberal através da paráfrase<sup>2</sup>. Para Harvey (*apud* Tonelo, 2021, p. 80),

[o] neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio.

---

<sup>2</sup> “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado.” (Orlandi, 2020, p. 34).

Entretanto, os ideais neoliberais vão de encontro à prática concreta da desigualdade, da miséria, da superexploração e do desemprego.

Podemos, portanto, interpretar a neoliberalização seja como um projeto utópico de realizar um plano teórico de reorganização do capitalismo internacional ou como um projeto político de restabelecimento das condições da acumulação do capital e da restauração do poder das elites econômicas (Harvey *apud* Tonelo, 2021, p. 81).

No início do enunciado da SD2, o jornal interage com o leitor por meio do efeito de ordem “Se vira” (TV Bahia; G1 BA, 2021, não paginado) e, em seguida, convida-o a conhecer histórias de pessoas que estão se reinventando (se virando) para lidar com a crise “da pandemia de Covid-19”.

Em buscas no “Memória Globo”, *site* de arquivos do Grupo Globo, retornamos a sentidos pré-construídos pelo dizer “Se vira nos 30”, quadro que estreou em 2002 no programa Domingão do Faustão, da TV Globo. O jogo recrutava participantes para apresentar números artísticos, contar piadas ou exibir habilidades em apenas trinta segundos. Ao final das performances, a plateia julgava e escolhia a melhor atração, que era premiada em dinheiro (Globo, 2021).

Em uma possível analogia, o discurso presente na SD2 equipara o desemprego e o desespero de pessoas que dependem de seu trabalho para sobreviver durante o funesto período da pandemia de Covid-19 a um jogo em que alguns perdem e outros vencem. O que permanece no silêncio dessa ludicidade discursiva é que “perder” pode significar, de diversas maneiras, a morte: seja pela fome, seja pelo vírus, seja pelo adoecimento psíquico etc.

A SD2 evoca, por meio da memória do quadro “Se vira nos 30”, sentidos alinhados à formação discursiva neoliberal. Dentre esses, a naturalização da escassez de empregos, que promove a competitividade entre a classe trabalhadora, transformando o mercado de trabalho num verdadeiro pandemônio; ao mesmo tempo que silencia sobre a urgência sanitária e a profunda vulnerabilidade na qual essa mesma classe se encontrava durante a pandemia e mesmo antes dela.

Basta pensarmos, por exemplo, que a matéria foi lançada no dia 29 de maio de 2021, pela TV Bahia, localizada na Unidade Federativa que, nesse período,

contabilizava mais de 27 mil óbitos por contaminação da Covid, conforme dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2025). Entretanto, aparentemente, muito mais letal do que a Covid-19 para o capitalismo era a paralisação do trabalho.

Através do *lockdown*, que entrou em vigor em 2020, o empresariado brasileiro buscou se apoiar no empreendedorismo como método para manter a classe trabalhadora produzindo mais-valia através da *uberização*<sup>3</sup>, modalidade do trabalho impulsionada pela pandemia da Covid-19 e que tem sua gênese com as plataformas digitais.

Dessa forma, poderia se manter a produção mesmo com os trabalhadores em casa. Antunes (2022, p. 36) comenta como, inclusive, “[...] não foi por outro motivo que o empresariado global – em particular a predadora burguesia brasileira – procurou, de todas as formas, impedir o uso recorrente do *lockdown*, pois sem trabalho e produção não há lucro nem criação de mais-valor.”

Essa reflexão nos leva ao que escreve Pêcheux (2014) sobre o complexo das formações ideológicas. O autor aponta como é próprio das FDs dissimular pelo efeito de transparência de sentido a objetividade material contraditória do interdiscurso, “[...] objetividade material essa que reside no fato de que “[...] algo fala (*ça parle*) sempre ‘antes’, em outro lugar e independentemente” (Pêcheux, 2014, p. 149).

Pensando por essa perspectiva, compreendemos, pela memória discursiva, que a SD2 fortalece a presença do grupo empresarial Globo no discurso do g1, através da formação discursiva neoliberal, e firma, pela paráfrase, o material jornalístico do g1, nesse período, como um lugar de forte propaganda pelo retorno ao trabalho, aliando-se, assim, a diversos outros discursos que sanaram milhares de vidas, como foram os casos de “é só uma gripezinha”, “eu não ou coveiro”, “a economia não pode parar”, “não fale em crise, trabalhe!”. Não à toa, todos ligados a posições ideológicas que prezam por políticas de exploração e dominação.

Como subtítulo da matéria referente à SD3, o jornal escreve:

Enquanto muitas pessoas só falam em crise, outras 20 mil inauguraram a própria microempresa nos seis primeiros meses deste ano, segundo

---

<sup>3</sup> Não nos estenderemos nesta categoria do trabalho por enquanto, pois temos como foco, neste artigo, analisar o recorte estabelecido: acerca do funcionamento do discurso da superação da crise.

a Receita Federal. Conheça exemplos de quem não desistiu de lutar (Rezende; Castro, 2021, não paginado).

Essa SD, assim como as anteriores, apresenta histórias de quem “acreditou nos sonhos” e abriu negócios durante a pandemia. Dentre elas, destacam-se um estudante universitário que abandonou a medicina para empreender em um negócio de frango frito e um grupo de amigas que iniciou um negócio de vendas de sapatilhas (Rezende; Castro, 2021). Nesse último caso, em especial, escrevem as repórteres:

Agora, além de ‘rebolarem’ como trabalhadoras, mães e esposas, as amigas sócias também dançam mostrando os produtos que vendem. E fazem sucesso (Rezende; Castro, 2021, não paginado).

Esses efeitos de sentido apontam para a permanência discursiva: o g1 mantém uma linha de dizeres distintos que retomam os caminhos de superação pelo empreendedorismo, o que também reforça um imaginário sobre a maioria de seus interlocutores, ou seja, os trabalhadores informais, como os “universitários” e “as mães/esposas”.

Todavia, há uma particularidade na SD3, cuja presença intensifica a contradição inerente à formação discursiva neoliberal no discurso do g1: a pergunta que instaura e orienta o sentido da matéria, “Crise ou oportunidade?”.

Ora, se a crise está diretamente ligada ao surgimento da Covid-19, por que a superação proposta recai unicamente sobre o empreendedorismo? Courtine (2009) define esse movimento como enunciado dividido: um trajeto discursivo que constitui e delimita o “outro” no interior de uma formação discursiva. No caso da SD3, o discurso do g1 é assombrado pela existência concreta do outro – aquele para quem a crise não se converte em “oportunidade”, mas se materializa na tragédia das mais de mais de quinhentas mil mortes.

Noutras palavras, o silêncio que se instala nesta SD significa, ao mesmo tempo, as estratégias de dominação do capitalismo, manifestadas no desmonte dos direitos trabalhistas e na difusão da crença de que é possível superar a crise sem superar o próprio capitalismo. Como observa Orlandi, “[...] os processos discursivos se realizam necessariamente pelo sujeito, mas não têm sua origem no sujeito [...]; ao falar o sujeito se divide: suas palavras são também as palavras dos outros.” (2007, p. 78).

Para Antunes (2022, p. 35), foi nesse cenário de devastação social intensificado pela pandemia da Covid-19 que o mundo do trabalho entrou na segunda onda do coronavírus: “a pandemia da uberização”. E, embora os esforços de mitigação estivessem convenientemente ocultos na retórica de que “todos estávamos juntos nesta guerra”, sabemos que o valor investido nas vidas da classe trabalhadora foi e ainda é muito diferente do valor investido nas vidas da classe burguesa. (Harvey *apud* Antunes, 2022).

Harvey (2020) ilustra, nesse contexto, como a classe trabalhadora dos EUA enfrentou escolhas terríveis no momento da pandemia, como manter os meios de subsistência, no caso de entregadores de supermercado, por exemplo, ou o desemprego, que resultaria na impossibilidade de assistência médica.

Com um ano da chegada do vírus e sob um governo de extrema-direita, a situação da classe trabalhadora no Brasil não foi diferente. Além do terror imposto pelo SARS-CoV-2, os trabalhadores enfrentaram um cotidiano marcado por tentativas de desmonte de décadas de luta por direitos básicos.

Em consonância com esse contexto, as forças de trabalho em grande parte do mundo foram sendo socializadas, especialmente por meio das mídias digitais, para comportarem-se como sujeitos neoliberais exemplares: aptos a culpar a si mesmos ou a instâncias divinas pelo fracasso, mas incapazes de questionar o capitalismo como origem estrutural dos problemas (Antunes, 2022).

Em 2021, conforme dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2025), o Brasil já contabilizava mais de 600 mil mortes por Covid-19. E, mesmo com o avanço da vacinação, a situação ainda era de muito temor, sobretudo, para aqueles que não tinham, ao menos, a possibilidade de lutar pela própria subsistência.

Não à toa, o primeiro óbito pela contaminação do vírus no país foi o de uma mulher idosa, negra e trabalhadora doméstica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para Pêcheux (2014), a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas que comportam as posições de classe. Visto dessa perspectiva, compreendemos que o discurso do g1 encontra nas práticas da classe dominante

suporte para sustentar o efeito de unicidade sobre o aprofundamento da crise durante a pandemia da Covid-19, como é o caso das “histórias de quem acreditou nos sonhos e abriu negócios em meio à pandemia”, discurso que funciona sobre o apagamento – para citar um exemplo – do desespero de quem não tinha sequer acesso à água para manter-se higienizado contra o vírus.

Os efeitos de sentido presentes e mantidos pelo discurso do g1 apontam para um ideal de heroísmo por parte dos trabalhadores (principalmente os informais, como mães, esposas e estudantes universitários etc.), no qual a utopia da classe dominante remonta de maneira moderna os mais perversos níveis de exploração humana.

Compreendemos a partir das nossas análises que o jornal digital da Globo (o g1) se inscreve na formação discursiva neoliberal para sugerir formas de superação da crise estrutural, no momento da pandemia da Covid-19, no Brasil, e, através do movimento parafrástico, faz circular sentidos que significam a crise como um acontecimento comum e de total e inteira responsabilidade individual, que pode ser superado através de um imenso e incansável esforço posto como empreendedorismo.

Ao questionarmos o efeito de evidência da linguagem, foi possível perceber que, embora mobilizando distintas narrativas de superação, os fundamentos discursivos do g1 funcionam a partir do silenciamento das múltiplas formas pelas quais os corpos da classe trabalhadora são autorizados à morte.

Com base nisso e por via da teoria pecheuxtiana, destacamos que nossa análise demonstra como os sentidos antigos em defesa do capital retornam sob o efeito do acontecimento da Covid-19 e ali permanecem e ali se atualizam, sem deixar de expor, porém, suas contradições.

Por esses motivos é que escolhemos caminhar por uma análise crítica da linguagem, levando em consideração que o trabalho da ciência não está fora deste vasto mundo, povoado por diários “desastres naturais” ligeiramente “noticiados” em nossas prisões digitais, mas também povoado de sonhos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.

BARRIQUELLO, Viviane. O discurso na mídia digital: derivas e fronteiras pela busca do significar. **1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso (JIED)**, 2008. Disponível em:

<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/0%20DISCURSO%20NA%20M%C3%89CDDIA%20DIGITAL%20barriquelo.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID-19 NO BRASIL**, 2025. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 22 dez. 2022.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2009.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama; MAGALHÃES, Belmira; SOBRINHO, Helson; SOCORRO, Maria do. **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

G1. Sobre o g1. **Globo**, 2025. Institucional. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 2 dez. 2025.

G1: o portal de notícias da Globo é líder de audiência no jornalismo digital. **Globo**, 22 fev. 2022. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/produtos-digitais/g1/noticia/g1.ghtml>. Acesso em: 2 jan. 2025.

HARVEY, D. **Política anticapitalista em tempos de coronavírus**. Blog da Boitempo, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://blogdabotempo.com.br/2020/03/24/david-harvey-politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. Tradução: Francisco Raul Cornejo *et al.* 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2011 [1930].

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Coronavírus**, 2020. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus#:~:text=0%20novo%20coronav%C3%A9rus%20\(nCoV\)%20%C3%A9,China%2C%20em%20dezembro%20de%202019](https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus#:~:text=0%20novo%20coronav%C3%A9rus%20(nCoV)%20%C3%A9,China%2C%20em%20dezembro%20de%202019). Acesso em: 3 jan. 2025.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PANIAGO, C. **Mészáros e a incontrolabilidade do capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

RAMIRES, L. **Eles conseguiram**: os sentidos de “sucesso” no jornalismo de televisão. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

REZENDE, Graziela; CASTRO, Nadyenka. Crise ou oportunidade? Veja a história de quem acredita nos sonhos e abriu negócio em meio à pandemia em MS. **Globo**, 30 ago. 2021. G1 MS. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/08/30/crise-ou-oportunidade-veja-a-historia-de-quem-acredita-nos-sonhos-e-abriu-negocio-em-meio-a-pandemia-em-ms.ghtml>. Acesso em: 1 jan. 2025.

SE vira nos 30: reunindo talentos de todo o Brasil, o 'Se Vira nos 30' foi um dos quadros mais populares do programa nos anos 2000. **Globo**, 29 out. 2021. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/domingao-do-faustao/noticia/se-vira-nos-30.ghtml>. Acesso em: 7 jan. 2025b.

'SE vira': conheça histórias de pessoas que estão se reinventando para lidar com a crise da pandemia da Covid-19. **TV Bahia; G1 BA**, 29 maio 2021. Blog do Emprego. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/ba/bahia/blogdoemprego/noticia/2021/05/29/se-vira-conheca-historias-de-pessoas-que-estao-se-reinventando-para-lidar-com-a-crise-da-pandemia-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 1 jan. 2025.

SILVA SOBRINHO, Helson. Flávio. da. Mídia e interpretação: os interesses do capital no discurso sobre “crise econômica”. **Rizoma**, v. 12, n. 1, p. 59-76, 2023. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/18446>. Acesso em: 03 jan. 2025.

TONELO, I. **No entanto, ela se move**. São Paulo: Boitempo, 2021.

VIEIRA, Danilo. Menino abre brechó para vender próprias roupas e ajudar mãe na crise causada pela pandemia. **Globo**, 23 abr. 2021. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/23/menino-abre-brecho-para-vender-proprias-roupas-e-ajudar-mae-na-crise-causada-pela-pandemia.ghtml>. Acesso em: 1 jan. 2025.

## Informações complementares

Este trabalho é parte de um projeto de mestrado em desenvolvimento e conta com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).